

Maria José Costa Toledo
Betijane Soares de Barros

A TAREFA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



**A TAREFA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

DIREÇÃO EDITORIAL: Betijane Soares de Barros
REVISÃO ORTOGRÁFICA: Autoras
DIAGRAMAÇÃO: Luciele Vieira da Silva
DESIGNER DE CAPA: Editora Hawking
IMAGENS DE CAPA: Autoras

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



Todos os livros publicados pela Editora Hawking estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

2019 Editora HAWKING

Av. Comendador Francisco de Amorim Leão, 255 - Farol, Maceió - AL, 57057-780 www.editorahawking.com.br
editorahawking@gmail.com

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

T649t

Toledo, Maria José Costa

A tarefa pedagógica no processo de alfabetização e letramento / Maria José Costa Toledo, Betijane Soares de Barros. – Maceió: Hawking, 2023.

Livro em PDF

ISBN 978-65-88220-62-7

DOI 10.29327/5281075

1. Alfabetização. 2. Letramento. I. Toledo, Maria José Costa. II. Barros, Betijane Soares de. III. Título.

CDD 370.115

Índice para catálogo sistemático

I. Alfabetização

**Maria José Costa Toledo
Betijane Soares de Barros**

**A TAREFA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Direção Editorial

Dra. Betijane Soares de Barros, Instituto Multidisciplinar
de Alagoas
– IMAS (Brasil)

Conselho Editorial

Dra. Adriana de Lima Mendonça/Universidade Federal de
Alagoas – UFAL (Brasil), Universidade Tiradentes -
UNIT (Brasil)

Dra. Ana Marlusia Alves Bomfim/ Universidade Federal
de Alagoas –
UFAL (Brasil)

Dra. Ana Paula Morais Carvalho Macedo /Universidade
do Minho
(Portugal)

Dra. Andrea Marques Vanderlei Fregadolli/Universidade
Federal de
Alagoas – UFAL (Brasil)

Dr. Eduardo Cabral da Silva/Universidade Federal de
Pernambuco -
UFPE (Brasil)

Dr. Fábio Luiz Fregadolli//Universidade Federal de
Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Maria de Lourdes Fonseca Vieira/Universidade
Federal de
Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Jamyle Nunes de Souza Ferro/Universidade Federal
de Alagoas –
UFAL (Brasil)

Dra. Laís da Costa Agra/Universidade Federal do Rio de
Janeiro-
UFRJ (Brasil)

Dra. Lucy Vieira da Silva Lima/Universidade Federal de
Alagoas – UFAL (Brasil)

Dr. Rafael Vital dos Santos/Universidade Federal de
Alagoas – UFAL
(Brasil), Universidade Tiradentes - UNIT (Brasil)

Dr. Anderson de Alencar Menezes/Universidade Federal
de Alagoas – UFAL (Brasil)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1	
ALFABETIZAÇÃO E LETAMENTO NA ESCOLA.....	09
1.1 Alfabetizar Letrando.....	13
CAPÍTULO 2	
OS MÉTODOS TRADICIONAIS DE	
ALFABETIZAÇÃO.....	18
2.1 A Prática do Professor no Processo de	
Alfabetização.....	27
REFERÊNCIAS.....	45

APRESENTAÇÃO

Neste livro foi motivado após a observação feita aos docentes que lecionam com este segmento que precisam entender que o letramento é mais do que ensinar, que vai além de um ensino de qualidade voltado para o aprender com significado, enfatizando um novo fazer pedagógico, eficiente e inovador. Nossa reflexão é sobre a seguinte questão: como alfabetizar letrando? Diante de várias práticas de alfabetização, destaca-se aquela pela qual o aluno aprenda com sentido.

A alfabetização é um processo de ensino aprendizagem que acontece antes, durante e depois do período escolar, ou seja, alfabetização acontece dentro e fora do ambiente escolar. A alfabetização é então a ação de fazer com que a pessoa se aproprie de habilidades que levam a leitura e a escrita .

Todos sabem da importância da leitura na vida de um cidadão que convive numa sociedade gráfica. Pois para viver e trabalhar na sociedade urbanizada e informatizada do século XXI, será necessário um domínio cada vez maior da leitura e da escrita. O professor por sua vez, deve distribuir o tempo na sala de aula para que venha desenvolver atividades que levam de fato a criança a refletir sobre a linguagem, onde elas se envolvam nesse processo com clareza de que aquele conteúdo vai de alguma forma ajudar a cumprir seu papel em uma sociedade real (CORDENONZI. et al., 2020).

CAPÍTULO 1

ALFABETIZAÇÃO E LETAMENTO NA ESCOLA

Refletindo sobre o tema acima citado, entende-se que a alfabetização e o letramento são temas distintos, porém desassociados na prática pedagógica e no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem significativa. Considera-se que é a escola e a escolarização, quanto o desenvolvimento, para além dessa aprendizagem básica, das habilidades, dos conhecimentos e das atitudes necessários ao uso efetivo e competente da leitura e da escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, é o letramento. É na escola que se deve desenvolver esse processo de alfabetização juntamente com o letramento, inicialmente nos anos iniciais do ensino fundamental, pois, é lá que a criança desenvolve suas habilidades leitoras e produtoras de textos. Atualmente ler e escrever tem sido insuficiente para satisfazer adequadamente a demanda contemporânea. É necessário ir além da aquisição de signos, é preciso saber fazer uso da leitura e da escrita no dia a dia, como função social, é ler o mundo. O aluno deve praticar a leitura e a escrita para conseguir assim se apropriar de sua codificação e decodificação (CORDENONZI. et al., 2020).

Os conhecimentos precisam ser abordados de forma sistemática na escola, pois tem conhecimento que são iniciados e consolidados na alfabetização e outros são iniciados e vão se consolidando em outras etapas de ensino. Sendo assim não basta levar texto para sala de aula, mais se deve conduzir, orientar, ensinar vogais consoantes e outros conhecimentos específicos do processo de alfabetização de forma

contextualizada se baseando no texto. O termo letramento é o uso das práticas sociais da leitura e da escrita e difundiu-se rapidamente no meio acadêmico; porém, anteriormente, transitou pela mídia e nas escolas na tentativa de produzir algum sentido para além do termo alfabetização, que já não era suficiente para explicar o processo de aquisição do código escrito (BAPTISTA, 2022).

O letramento diferentemente da alfabetização é tido como um processo social e não apenas individual, ele vai além das habilidades de leitura e escrita, abrangendo toda a demanda social da leitura e da escrita e produzindo gêneros textuais. A escola representada pelos professores deve ensinar os alunos a ler e escrever mais também ajudar eles a compreender a utilidade e a importância dos textos abordados no seu cotidiano, ou seja, qual a função social dos textos lidos. São exemplos de letramento quando o aluno utiliza o código escrito para deixar um recado, escrever uma carta, fazer uma lista, marcar uma data no calendário, ler uma receita de bolo, controlar o orçamento doméstico, ler trechos da bíblia, ler para distrair todos esses exemplos tem uma função social ao utilizá-los o aluno é considerado além de alfabetizado também letrado. Logo, alfabetização e letramento são processos distintos, embora possam e devam caminhar simultaneamente. Não se pode dissociar Alfabetização e Letramento, pois uma complementa a outra (CORDENONZI. et al., 2020).

O ideal seria alfabetizar letrado, daí a importância da não dissociação de ambas. Essa discussão busca mostrar que ao se estabelecer um diálogo com os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental sobre o do processo de alfabetização, é importante que eles conversem que contem suas experiências e

exponham suas dúvidas e necessidades de aprender, a fala deles deve ser ouvida e respeitada, visto que a expressão oral contribui para o desenvolvimento da linguagem e, simultaneamente, com a aprendizagem da leitura e escrita (ANDRADE; ESTRELA, 2021).

Uma pessoa alfabetizada é aquela que sabe ler e escrever apenas, já a pessoa letrada consegue ir além, atende as demandas sociais da leitura e da escrita, por isso consegue fazer uma carta, um bilhete, escritas de sua própria autoria, enfim, produzem gêneros textuais, ao contrário da pessoa alfabetizada que lê textos prontos, a pessoa muda seu lugar na sociedade, até mesmo modo de falar com os outros. Não se pode reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Alfabetização então não deve ser considerada apenas a aquisição do código escrito, mais um processo que oriente esse aluno a ler, escrever e utilizar essa leitura e escrita nas práticas sociais utilizando as suas vivências e os seus conhecimentos prévios como norteadores desse processo (FREITAS; RAMOS, 2022).

Uma pessoa alfabetizada é aquela que sabe ler e escrever apenas, já a pessoa letrada consegue ir além, atende as demandas sociais da leitura e da escrita, por isso consegue fazer uma carta, um bilhete, escritas de sua própria autoria, enfim, produzem gêneros textuais, ao contrário da pessoa alfabetizada que lê textos prontos, a pessoa muda seu lugar na sociedade, até mesmo modo de falar com os outros. O letramento é muito mais que alfabetização. Pois ele expressa o estado, ou condição, de quem interage com diferentes

portadores de leitura, com diferentes gêneros discursivos e diferentes funções que a leitura e escrita desempenham em nossas vidas. Por isso, é necessário que o professor trabalhe uma gama de atividades que desenvolvam a iniciativa, a concentração, o raciocínio, o conhecimento. Como jogos de dominó, bingo, quebra-cabeça, gincana, adivinhações, boliche, baralho, loteria, trava-língua, utilização de livros de literatura, poemas, entre outros. São estratégias que contribuem de forma significativa para seu desempenho no processo de alfabetização/letramento. E a Escola terá a incumbência de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania. O letramento se dá de forma coletiva, não sendo tarefa apenas do professor de língua portuguesa, mas de todos os educadores que trabalham com leitura e escrita, cada educador, é responsável pelo letramento em suas diferentes áreas de estudo (LEAL; NASCIMENTO', 2019).

Mesmo que a criança não seja alfabetizada, ela pode ser letrando na medida em que ao participar de contextos de letramento utiliza estratégias orais dos conhecimentos construídos sobre a língua que se escreve, mesmo sem saber ler e escrever conhece a estrutura da língua escrita. O letramento é conhecido como um estudo de quem exerce práticas sociais de leitura e escrita de quem participa de eventos em que a escrita é integrante no processo de interpretações, interações, atitudes e competências discursivas e cognitivas que traz um diferenciado estado de inserção em uma sociedade letrada. É importante que as crianças se interajam com os adultos alfabetizados, com a leitura e a produção de textos, mesmo antes de estarem alfabetizados convencionalmente.

Crianças cujos pais leem regularmente e exploram com elas os textos narrativos, não só aprendem a ler com mais facilidade como se revelaram bons escritores no término de sua trajetória escolar, ler e escrever textos significativos, onde o educador possa criar um ambiente letrado, considerando o conhecimento prévio, embora pequenas, as crianças levam para a escola o conhecimento que advém da vida (MACEDO, 2020).

A autora deixa claro que a criança mesmo sem saber ler, já vivencia momentos de leitura. Porque na sociedade circula variados gêneros textuais, os quais devem ser trabalhados na escola, pois são reais e circulam ao nosso meio. A escola por sua vez não pode desenvolver uma alfabetização descontextualizada, ensinando apenas as letras, sílabas e palavras sem sentido. O trabalho com textos na alfabetização é necessário para focar os dois aspectos da aprendizagem da língua escrita, assim o aluno alfabetizado e letrado tem possibilidade de utilizar a escrita nas diferentes situações do cotidiano. Participar de práticas sociais de leitura e escrita é importante não só para o processo de alfabetização, mas também para a apropriação da língua escrita em situações reais de uso. Desse modo, a alfabetização na perspectiva do letramento deve evidenciar a importância do trabalho com os diversos gêneros textuais, com base nos diferentes suportes de leitura (MONTEIRO; MORAIS; MONTUANI, 2020).

1.1 Alfabetizar Letrando

Alfabetizar Letrando, consiste na utilização de textos variados no ambiente escolar, melhorando assim a prática de somente alfabetizar, sendo essa uma perspectiva pedagógica

com metodologias relacionadas à aquisição da leitura e da escrita. As reflexões acerca da alfabetização e do letramento nos revelam a necessidade da vinculação dos dois termos na prática pedagógica de modo que o trabalho pedagógico desenvolvido na escola contemple uma proposta de “alfabetizar letrando”, no qual o ensino e a aprendizagem do código estejam associados pelas práticas sociais de utilização da escrita. Assim, em uma sociedade letrada, não basta apenas aprender ler e escrever, é preciso praticar socialmente a leitura e a escrita. As práticas de letramento devem ocorrer de forma reflexiva a partir da apresentação de situações problemas, em que, as crianças revelem espontaneamente as suas hipóteses e sejam levados a pensar sobre a escrita, participar, ler e escrever com significado, utilizar textos significativos, interagir com a escrita, utilizar textos reais, que circulam na sociedade, utilizar a leitura e a escrita como forma de interação. O educador deve atuar como escriba, propor a reescrita da história pelas crianças, assim é possível refletir sobre o que as crianças escrevem e como se escreve (PAIVA, 2016).

É preciso repensar as práticas de ensino que têm predominado em muitas escolas, esclarecendo a distinção entre o que é letramento e o que é alfabetização, e desvendando as principais facetas de cada um desses termos. Letramento diz respeito à imersão do indivíduo na cultura escrita, à sua participação em eventos diversos que envolvem a leitura e a escrita, bem como ao contato e à interação com diferentes tipos e gêneros textuais. Já a alfabetização envolve o processo da consciência fonológica e fonêmica, a construção das relações som e letra e o aprender a ler e a escrever alfabeticamente. Nesse sentido, um dos grandes desafios do educador é

trabalhar concomitantemente essas duas dimensões no fazer pedagógico, de forma a contemplar uma proposta de alfabetizar letrando, uma prática em que o ensino e a aprendizagem tenham sentido e significado para o aprendiz, levando-o à apropriação do código escrito e à sua utilização nos diversos ambientes sociais em que se fizerem necessários. O processo de letramento antecede ao da alfabetização, perpassa todo o processo de alfabetização e permanece quando o indivíduo já se encontra alfabetizado (ROCHA; AZEVEDO, 2021).

O melhor seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever a partir das experiências diárias, do contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que os alunos se tornassem, igualmente, alfabetizados e letrados. Isso significa levar o aluno a se apropriar do código escrito e, ao mesmo tempo, viabilizar o seu acesso aos materiais escritos presentes na sociedade, criando inclusive situações que tornem necessárias e significativas práticas de leitura e de escrita (SILVA; SAMBUGARI, 2020).

O trabalho com os gêneros textuais é de grande valia nos anos iniciais do ensino fundamental, para que as crianças desenvolvam um aprendizado com significado real. Nessa perspectiva, cabe às escolas propiciar situações não só de interação e uso dos diversos gêneros e tipos textuais, enfatizando seus contextos de comunicação, mas também momentos de reflexão acerca da língua, realizando um trabalho sistemático sobre o funcionamento e as características do sistema de escrita alfabético e ortográfico. Ao se entender que a aquisição da escrita não se dá desvinculada do processo de letramento, é preciso que a escola crie estratégias que foquem simultaneamente a leitura, a produção de textos e a reflexão

sobre o código, além de incluir em seu ambiente práticas autênticas de uso dos diversos tipos de material escrito presentes na sociedade, na tentativa de assim contribuir para a formação de aprendizes capazes de ler e escrever com mais autonomia, competência e criticidade (SOUSA FILHO; SILVA, 2020).

É função da escola alfabetizar os alunos em um contexto letrado, em que existam práticas sociais de leitura e escrita. É necessário que as crianças façam uso da escrita nas suas diversas funções sociais, mesmo que ainda não estejam alfabetizadas. Dessa forma, altera-se o foco do tratamento pedagógico, superando-se os processos da mera codificação e decodificação do sistema escrito. Aprender a ler pressupõe não só decifrar o código escrito, mas também interpretar e compreender os diversos gêneros textuais; aprender a escrever é não somente conseguir grafar o código escrito e refletir sobre as regras e especificidades da língua, estabelecendo a relação entre letra e som, mas também estar pronto a produzir diferentes tipos de textos adequados às distintas práticas comunicativas (ZOTTI; SCHWINGEL, 2020).

Não é de qualquer jeito que se forma leitores. Também, não é qualquer texto que deve circular na sala de aula, para que os alunos dos anos iniciais possam desenvolver habilidades de interpretação e estabelecer relações entre textos. É fundamental, portanto, expor os alunos a uma multiplicidade de textos que permeiem distintas respostas ao “porquê” e ao “para quê” da necessidade da prática da leitura. Se o objetivo da escola é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos que circulam no mundo real, é necessário organizar o planejamento pedagógico de forma que o aluno possa

experienciar as diferentes dimensões da leitura, tais como: ler para informar-se, para estudar, para escrever, para revisar o que se produziu, para resolver problemas do dia a dia ou até mesmo para divertir-se (ROCHA; AZEVEDO, 2021).

CAPÍTULO 2

OS MÉTODOS TRADICIONAIS DE ALFABETIZAÇÃO

Por trás de qualquer método de ensino e aprendizagem e mais especificamente, por trás de qualquer método de alfabetização, existe uma teoria sobre o que é o objeto de conhecimento a ser aprendido. Criado desde a antiguidade, mas, sobretudo, a partir do século XVIII, os métodos tradicionais de alfabetização que se conhece, apesar das diferenças que aparentam, tem uma única e comum teoria conhecimento subjacente: a visão empirista/ associacionista de aprendizagem. Segundo tal perspectiva, o aprendiz é uma tábua rasa e adquire novos conhecimentos (sobre o alfabeto) recebendo informações prontas do exterior (explicações sobre as relações entre letras e sons) que, através da repetição de gesto gráfico (cópia) e da memorização passariam a ser suas. A aprendizagem é vista como um processo de simples acumulação das informações recebidas do exterior, sem que o sujeito precisasse, em sua mente, reconstruir esquemas ou modos de pensar para poder compreender os conteúdos (sobre letras e sons) que alguém estava lhe transmitindo (ASSIS; NETO; MACEDO, 2018).

De um lado, encontra-se o grupo de métodos sintéticos, que, historicamente, tem tido muito mais influência na alfabetização praticada nas escolas brasileiras. Nesse grupo estão três correntes ou tipos de métodos aprendiz deve partir de unidades linguísticas menores (letras, sílabas ou fonemas) e, a ordem de aprendizagem acumulativa, ir fazendo sínteses ou

“somando os pedaços” e “decodificar” unidades maiores que as primeiras que aprendeu (ASSIS; NETO; MACEDO, 2018).

Com algumas desvantagens trazidas a esta forma de alfabetizar, foi visto que não havia sentido essa forma de ensinar. Então foi pensado em métodos para ensinar as crianças (ASSIS; NETO; MACEDO, 2018).

A discussão sobre qual método é mais adequado para o ensino a leitura e da escrita é histórico. Alguns métodos utilizam apenas procedimentos para execução do ensino da leitura: inicialmente, o aprendiz memoriza as letras do alfabeto, independentemente do seu valor fonético e grafia; aprende repetindo em coro, sequencialmente e em ordem alfabética; em seguida, memoriza as sílabas simples, também chamadas canônicas para ler e escrever as palavras mais simples (monossílabo e dissílabo); e posteriormente, memoriza as sílabas consideradas mais difíceis e, por fim, as frases e textos (BARROS et al., 2019). Segundo Mortatti (2000), esses métodos de marcha sintética foram intitulados:

- Métodos da soletração ou alfabético
- Método fônico
- Método da sílabação ou sílabico.

Estes métodos priorizavam as famílias silábicas, mantendo sempre, a ordem crescente de dificuldade, e por fim, ensina-se frases isoladas ou agrupadas (MORTATTI, 2000).

- Método da soletração; que propõe o ensino inicial da leitura e da escrita pela apresentação/memorização das letras e de seus

respectivos nomes por meio de repetição, do treino. Após a memorização de todas as letras do alfabeto, ensina-se a formação das sílabas a partir da união entre as vogais e as consoantes e, por fim, ensina-se a união das sílabas para formar palavras, em seguida frases e por último lê-se e escreve-se textos. (MORTATTI, 2000)

- Método fônico; que parte dos sons correspondentes às letras, sem enfatizar inicialmente, os seus respectivos nomes. Para facilitar a aprendizagem, associa-se o sentido do som às vozes onomatopeicas (MORTATTI, 2000).

- Método da silabação ou silábico; parte das emissões de sons através das sílabas ou das famílias silábicas, mantendo sempre a ordem crescente de dificuldades. Posteriormente, ao ensino das famílias silábicas e, por fim, ensina-se frases isoladas ou agrupadas, objetivando a preparação para leitura e a escrita de textos (MORTATTI, 2000).

Em seguida, no início do século XX surgiu o método analítico, como oposição teórica ao método sintético. O mesmo considerava como ponto de partida para o ensino: palavra, frase e texto (MORTATTI, 2000). A diferença desse método era o uso da palavra-chave, os métodos de marcha analítico são intitulados de:

- Método da palavração
- Método da sentençação
- Método global

No método da palavração, durante um longo período, os alunos são ensinados a identificar e copiar um repertório de palavras para, só depois começarem a partir as palavras em sílabas e as sílabas em letras ou fonemas (MARCHESONI; SHIMAZAKI, 2021).

No método sentençação, a cada unidade didática ou lição, as crianças memorizavam de modo a poder identificar e copiar sentenças completas, para em seguida, tratar isoladamente suas palavras e, depois, analisarem tais palavras em partes menores (sílabas e letras) (MARCHESONI; SHIMAZAKI, 2021).

No método global, a criança seria exposta a narrativas artificiais (sem qualidade literária) escrita especificamente para alfabetizar. O “grande todo”, o texto, seguiria, então, os passos do método anterior: suas frases seriam trabalhadas isoladamente e, do interior das mesmas, seriam selecionadas algumas palavras, suas sílabas ou relações fonema-grafema seriam enfocadas (BIANCHI; MORAIS, 2021).

Apesar de o método analítico destacar a palavra-chave, tanto ele quanto o sintético, o leitor parte do reconhecimento das letras e palavras para chegar à compreensão do texto (BIANCHI; MORAIS, 2021).

Instala-se ainda no século XX o método audiovisual, que no Brasil vai até a década de 80. Esse método questiona a obrigatoriedade da correspondência entre o som e grafia, ideia de que se aprende a ler analisando a escrita, para melhor

identificar o percurso do ensino-aprendizagem. Como é possível observar a evolução no campo do ensino das primeiras letras, trazendo a ideia de que a escrita deve assumir sua função de comunicação (CHRAIM; PEDRALLI, 2023).

Segundo tal perspectiva, o aprendiz é uma tábula rasa e adquire novos conhecimentos (sobre alfabeto) recebendo informações prontas do exterior, que através da repetição do gesto gráfico (cópia) e da memorização das relações entre letras e sons, passariam ser suas. A aprendizagem é vista como um processo de simples acumulação das informações recebidas do exterior, sem que o sujeito precisasse, em sua mente, reconstruir esquemas ou modo de pensar, para poder compreender os conteúdos que alguém estava lhe transmitindo. Independentemente de serem métodos sintéticos ou analíticos, todos métodos tradicionais de alfabetização enxergam a escrita como um mero código de transição de língua oral: uma lista de símbolos (letras) que substituem fonemas que já existiram como unidades “isoláveis” na mente da criança ainda não alfabetizada. Por ser uma mera lista de correspondências entre letras e fonemas. Mortatti (2006) ressalta que com a reforma Sampaio Dória e a autonomia didática concedida aos professores, os métodos utilizados no processo de alfabetização passaram a ser variados, sendo denominados de método misto ou eclético (NOGUEIRA, 2019).

A análise da história dos métodos de alfabetização no Brasil permitiu perceber que, ao longo dessa trajetória, ocorreram várias disputas para que um determinado método pudesse se sobrepor a outro, na incessante busca de justificar o fracasso escolar e o desafio enfrentado pela criança na apropriação da língua escrita. Entretanto, mesmo com a

utilização de métodos alternados, buscando o aprimoramento do processo, o Brasil não superou as dificuldades enfrentadas no processo de alfabetização das crianças. Mesmo com a evolução dos métodos de alfabetização e com as descobertas da psicogênese da língua escrita, os educadores continuam enfrentando dificuldades para alcançar o objetivo, que é fazer com que a criança aprenda a ler e a escrever. Mas não somente ler e escrever, como também realizar uma leitura de mundo através do sistema de escrita alfabético. Não é através de cartilhas que a escola vai dar conta desse cenário. As crianças não precisam fazer uso de cartilhas na alfabetização e no letramento (NOGUEIRA, 2019).

As crianças precisam interagir com textos e atividades que façam parte da sua realidade, do seu cotidiano. O ensino não deve ser fragmentado e o professor precisa exercer sua autonomia em sala e ser também escutado quando da construção das atividades didáticas. Afinal de contas, quem está em sala diariamente com as crianças? Não é o próprio docente? Quem melhor do que ele para, diante do diagnóstico, identificar o que pode ser realizado e juntamente com o corpo docente criar estratégias para o melhoramento do processo de ensino-aprendizagem? O desejo da professora é a construção de um método revolucionário (NOGUEIRA, 2019).

Ainda no século XX, a partir dos anos 80, com a publicação da pesquisa Ferreira e Teberosky, intitulada como psicogênese da língua escrita (1985). As referidas pesquisadoras embasadas nos pressupostos teóricos construtivistas defendidos por Piaget e Vigostsky contestaram as concepções de ensino da leitura e da escrita até então utilizada anteriores mecanicistas e descontextualizadas. A

ênfase nesse momento, é dado ao ato de ensinar para o ato de aprender. Segundo Piaget (1978) “a partir da interação com o objeto, numa dinâmica de assimilação, acomodação e equilibrarão”. A ideia de Piaget é a de que o conhecimento é válido quando o indivíduo o constrói na inteiração com o meio e não aquele que é incorporado por imitação. Partindo da premissa de que o indivíduo constrói seu próprio conhecimento, através da interação com o objeto para aprendizagem da leitura e escrita. Pois, o professor alfabetizador deve conhecer como as estudantes aprendem a ler e a escrever, os níveis de contextualização da escrita e quais as hipóteses que elaboram sobre a própria escrita para construírem este conhecimento. Já na década de 90, momento em que foi incorporado a prática de ensino da leitura e da escrita o conceito do letramento, onde surge a preocupação de estudar o uso da função social da escrita na escola, a partir do uso da função comunicativa dos diferentes gêneros textuais, para que as práticas de leitura e da escrita escolares sejam significativas e contextualizadas (JORGE; CUNHA; RAMOS, 2020).

O processo de alfabetização tem passado por muitas transformações nas últimas décadas. No Brasil, especialmente a partir da década de 1970, os estudos psicogenéticos de Piaget interferiram radicalmente na visão que se tinha a respeito da aprendizagem. O foco dos estudos passa então do processo de ensinar para o processo de aprender, vinculado ao desenvolvimento do indivíduo. A partir da década de 1980, Emília Ferreira e Ana Teberosky (1988) desenvolvem estudos e pesquisas sobre o aprendizado da escrita – a psicogênese da língua escrita - alterando profundamente a visão sobre o processo de alfabetização (JORGE; CUNHA; RAMOS, 2020).

A alfabetização deixa de ser considerada mero processo de codificação e decodificação de sinais gráficos no ensino da leitura e escrita, a compreensão da função social da escrita assume o papel de eixo estruturador de alfabetização e o aluno passa a ser sujeito do seu próprio aprendizado e, no processo, atribui significado à escrita além de compreender o contexto em que a escrita se insere, processos de interlocução real que fazem uso da leitura e da escrita para a comunicação. Atualmente, a alfabetização não é vista como algo desconexo do mundo, ela envolve um processo de construção de conhecimentos, e carrega a pretensão de reconhecer os educandos como sujeitos autônomos, críticos na sociedade para serem sujeitos ativos, que possuam a competência de transformar a sociedade, para que seja mais justa, igualitária e cidadã (SCHNEIDER; GROSCH; DRESCH, 2019).

Todos sabem que nascem incompletos. O homem é um dos animais que nasce e se mantém por alguns anos quase totalmente dependente dos cuidados dos outros. Não sabem se locomover, a comunicação é ainda muito precária e todas as necessidades são supridas de modo instintivo. Então ao nascer, os seres humanos são seres puramente biológicos. Por outro lado, os indivíduos nascem já inseridos em uma classe social, fazendo parte de um grupo social, em uma comunidade linguística, e isso seguramente, será determinante no processo do nosso crescimento e do nosso desenvolvimento. Portanto, a missão de educar envolve a compreensão da personalidade, a construção de laços afetivos, a consideração das características e das diferenças individuais, os aspectos de desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e psíquico do aluno. Educar envolve, além do conhecimento do aluno, a análise e a compreensão do

processo de ensino-aprendizagem, bem como nos fatores nele interferentes e ainda as possibilidades metodológicas que possibilitem mais eficiência na aprendizagem. Considerando a importância dos componentes psicológicos e dos componentes educativos nos problemas da educação e do ensino. É necessário destacar um ponto de grande relevância no desenvolvimento da criança durante seu processo de escolarização, a leitura (SCHNEIDER; GROSCH; DRESCH, 2019).

A leitura é de suma importância no processo de ensino-aprendizagem na alfabetização. Pois, é nesse processo que algumas crianças demonstram suas dificuldades para o professor (SILVA; BATISTA; PETSCH, 2021).

A leitura tem que ser uma das prioridades para o ensinamento da alfabetização, pois com deficiência na mesma pode se dizer que o aluno não foi alfabetizado. O professor precisa saber lidar com o processo de alfabetização, tornando suas aulas prazerosas e buscando a realidade para que a criança não só aprenda a ler palavras, e sim que adquira um saber contextualizado. O processo de leitura envolve momentos de muita atividade, interpretação e assimilação de objetos, mas com muita coerência pautado em trabalho diversificado. Para que haja uma alfabetização com sentido e que a criança realmente sinta prazer em participar, precisa de muito esforço e muita dedicação por parte do professor (SILVA; BATISTA; PETSCH, 2021).

2.1 A Prática do Professor no Processo de Alfabetização

A prática pedagógica tem sido foco de investigação nas últimas décadas por muitos pesquisadores preocupados com os problemas da educação. Devido à complexidade do assunto e à diversidade de olhares reflexivos sobre o tema, é necessário discorrer sobre o papel do professor diante de sua prática pedagógica na sala de aula, com a intenção de superar a visão conservadora e tradicional da ação docente perante as demandas da sociedade contemporânea. No entanto, diante da complexidade e dos inúmeros desafios que o trabalho de ensinar a ler e escrever apresenta a esses profissionais, pois o mesmo deve ter clareza do seu papel diante da tarefa de alfabetizar. O trabalho centrado na alfabetização acontece quando o professor cria situações de aprendizagem nas quais os alunos pensam sobre as relações grafofônicas, isto é, pensam sobre os sons que as letras representam, refletindo sobre os sons que as letras representam, refletindo sobre quantas e quais letras devem usar para escrever palavras, de acordo com a fase de alfabetização em que se encontram (NOGUEIRA, 2019).

Falar de alfabetização é um tanto complexo até mesmo pela diversidade de métodos utilizados, e ainda devido às dificuldades de aprendizagem dos alunos, reprovações e evasão escolar. Assim, a alfabetização caracteriza-se por uma fase muito importante no desenvolvimento do aluno, sendo a base para conhecimentos futuros. Segundo o dicionário Aurélio, alfabetizar é ensinar a ler e a escrever ou dar instrução primária, sabe-se que alfabetizar vai muito além de ensinar a ler e escrever, nesta tarefa a linguagem é uma fiel aliada dos

educadores neste processo de ensino/aprendizagem (NOGUEIRA, 2019).

A linguagem é uma área importante na aquisição da leitura e escrita, pois ela permite que o homem estabeleça uma comunicação intersubjetiva, ou seja, estabeleça a troca e o diálogo. Assim ele amplia seu vocabulário e elabora novas hipóteses silábicas. Muitos estudos afirmam que o sujeito se constitui em dois momentos, primeiro no social e depois no individual numa apropriação ativa e constante. Na escola esse processo ocorre de forma contínua, remetendo ao educador um papel importante como mediador do processo da aquisição da leitura e escrita, com intervenções pedagógicas coerentes, já que os conhecimentos resultam da pluralidade de sentidos e significações compartilhadas no coletivo, que aos poucos vão sendo produzidos (JORGE; CUNHA; RAMOS, 2020).

Contudo, grandes são os anseios do professor em favor de uma educação qualitativa e igualitária, que ofereça oportunidades para o educando avançar rumo à conhecimentos significativos, que inclua o aluno na cultura grafocêntrica (cultura centrada na escrita) e não exclua. Por esta e outras atribuições que o professor alfabetizador se encontra apreensivo diante de tamanha responsabilidade no cenário educacional. Diante de tantos desafios, é visível a fuga dos professores das séries iniciais das salas de alfabetização, assim poucos encaram e adquirem experiências metodológico-pedagógicas para enriquecer o universo da alfabetização (JORGE; CUNHA; RAMOS, 2020).

Sabe-se que cada indivíduo é sujeito de seu próprio conhecimento, mas ninguém aprende a um passe de mágica, é necessário reflexão, e com a língua escrita não é diferente. De

fato, a aquisição da língua escrita envolve uma série de reflexões; é preciso domínio sobre a tecnologia da leitura e da escrita, ou seja, codificar e decodificar em língua escrita, bem como os usos dessas habilidades (JORGE; CUNHA; RAMOS, 2020).

O professor por sua vez, precisa entender que os avanços dos alunos dependem muito da sua forma de desenvolvimento enquanto o processo de alfabetização entendido por ele. Os desafios são grandes, porém cabe ao professor criar situações em que o aluno seja desafiado a ler e escrever, para que o educando avance no sentido da alfabetização. Ao analisar produções de escritas de crianças e nomeá-las, dividir em períodos é muito pouco em relação ao que o professor precisa fazer para alfabetizar. Ele precisa ir além desse conhecimento para que as crianças obtenham o saber devido e preciso. A alfabetização é uma fase distinta, cheia de novas experiências e sensações em que o aluno se depara ao chegar à escola, para aqueles que não frequentavam a Educação Infantil, é o primeiro contato com a educação formalizada. Durante muito tempo a alfabetização foi vista como a mera aquisição do código escrito, que formava alunos para as fases seguintes (LEAL; NASCIMENTO', 2019).

Nos anos 70 e 80, o elevado índice de analfabetismo, a repetência e a evasão escolar estimularam a busca por novas formas de conceber e direcionar o trabalho educativo na alfabetização e os conceitos equivocados foram aos poucos superados (ASSIS; NETO; MACEDO, 2018).

Esses novos tempos foram marcados por reflexões acerca do indivíduo como ponto de partida para a construção de novos conhecimentos. O quadro educacional passou por

grandes mudanças devido ao novo modo construir conhecimentos, alinhados aos acontecimentos atuais com foco na particularidade do aluno. Portanto, na alfabetização a ação educativa do professor também sofreu esta influência, com a utilização de temas atuais com ênfase na formação intelectual e social do aluno (ASSIS; NETO; MACEDO, 2018).

Essa mudança no cenário educacional se deu, também, devido aos estudos sobre a psicogênese da aquisição da língua escrita, que enfatizavam que a alfabetização não era a mera codificação e decodificação do sistema linguístico, mas se caracterizava como um processo ativo em que a criança em contato com a cultura escrita ia aos poucos (re) construindo hipóteses sobre a língua escrita, até chegar à escrita convencional. O professor terá a função de mediar este processo, e propor desafios por meio de atividades planejadas com intencionalidade pedagógica. Assim, aos poucos educando fará novas descobertas e (re) construirá hipóteses. Por isso, o estímulo visual com o uso de diferentes gêneros textuais é imprescindível nessa etapa (ASSIS; NETO; MACEDO, 2018).

No contexto da alfabetização, o professor é muito importante, porém em muitos casos esse profissional nem sempre está habilitado para executar tal tarefa, pois, visto que muitos não obtiveram uma boa formação e nem sabem quais são as etapas do processo de construção da escrita (ROCHA; OLIVEIRA, 2020). Como esse profissional irá conduzir esse processo, se nem compreende como ele se dá?

A implantação de ações que tragam um bom suporte teórico/pedagógico para esses profissionais é urgente no meio educacional, pois muitos estão "grudados" nos livros didáticos por medo de ousar e errar. É preciso que ocorram novas

mudanças no fazer educativo com ênfase nas práticas pedagógica, ação – reflexão – ação de sua prática educativa atrelada à teoria. Considerando que esses professores terão mais dificuldades para alfabetizar seus alunos e ainda poderá desencadear nesses alunos dificuldades de leitura e escrita ao longo de sua vida escolar. O alfabetizador é um profissional do ensino de línguas e, como tal, além do domínio e das técnicas pedagógicas deve possuir sólidos conhecimentos linguísticos tanto da língua, enquanto meio de comunicação, quanto sobre a língua, enquanto objeto de análise (ROCHA; OLIVEIRA, 2020).

Na verdade, o professor que está inserido em sala de aula tem o dever de oferecer uma educação de qualidade, e isso requer formação e competência para desenvolver um trabalho satisfatório. É visível também em alguns professores a falta de interesse por novos conhecimentos, pela busca pessoal de novas ferramentas pedagógicas em sala de aula para aperfeiçoar seu trabalho. Portanto o alfabetizador será o agente que estimulará as descobertas da língua escrita até chegar à escrita convencional. Outro desafio bem pertinente é a falta de apoio e acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos, o professor se depara sozinho nesta missão de alfabetizar a qualquer custo. Um fator bem interessante é que os pais atribuem ao professor a culpa do fracasso escolar do filho, assim se estabelece no seio escolar a “briga” histórica entre Escola X família (ROCHA; OLIVEIRA, 2020).

O abandono escolar de alguns pais é revoltante, pois esse cenário é visível com muita frequência no meio escolar, pois muitos alunos vão e voltam com as tarefas em branco, chegam à sala de aula desmotivados, sendo que muitas vezes necessitam de estímulos exteriores para a construção de

aprendizagens e não encontram. Essa é a realidade em muitas salas de aula, pais negligentes e omissos em reuniões escolares, datas comemorativas e outros eventos que favorecem a interação escola/família (SILVA; SAMBUGARI, 2020).

A legislação é bem clara e específica quanto às atribuições da família e do Estado, a Constituição Federal, em seu artigo 205, afirma que "a educação é direito de todos e dever do Estado e da família". A educação informal é obrigação da família e formal do Estado, por isso, as duas instituições devem sempre estar em constante sintonia para priorizar uma boa educação. A educação deve orientar a formação do homem para ele poder ser o que é, da melhor forma possível, sem mistificações, sem deformações, em sentido de aceitação social. Assim, a ação educativa deve incidir sobre a realidade pessoal do educando, tendo em vista explicitar suas possibilidades, em função das autênticas necessidades das pessoas e da sociedade (SILVA; SAMBUGARI, 2020).

Nesta perspectiva, entende-se que escola e família se complementam na tarefa da formação social da criança, se uma das duas se omite quanto à sua atribuição o processo de ensino/aprendizagem fica prejudicado. A influência da família é básica e fundamental no processo educativo do imaturo e nenhuma outra instituição está em condições de substituí-la. Embora, muitas vezes o trabalho ou a falta de tempo são algumas justificativas para essa ausência, considera-se que essas "desculpas" futuramente não irão sanar as carências intelectuais, afetivas e sociais que poderão aflorar no aluno (SILVA; SAMBUGARI, 2020).

Outro desafio notável presente na sala do alfabetizador, é a indisciplina dos alunos durante as atividades diárias propostas pelo professor, a falta de interesse e a falta de otimismo para conquistar uma vida futura próspera está cada vez mais distantes dos nossos alunos. Falta amor pela busca do conhecimento, pois para a grande maioria dos alunos a atividade estudar é fatigante e obrigatório. Uma boa parcela da aula é reservada para advertir os alunos indisciplinados, que muitas vezes até lançam "palavrões" pejorativos contra o professor e os outros alunos. Nesta perspectiva nota-se que cada vez está mais difícil estabelecer regras para ordenamento e coerção desses alunos (ASSIS; NETO; MACEDO, 2018).

Por isso, mais uma vez o professor entra em ação na busca constante de meios que estabeleçam regras de convivência e de respeito ao próximo, priorizando a cidadania. Cabe ao educador usar ferramentas dinâmicas e eficazes para uma boa sintonia entre os aspectos intelectuais/sociais. Essa tarefa faz parte da interdisciplinaridade vivenciada em sala de aula com os múltiplos usos dos eixos de formação humana propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais que considera o aluno em sua totalidade, e não fragmentado (ASSIS; NETO; MACEDO, 2018).

Estes são alguns desafios que tem afrontado o professor alfabetizador em seu fazer educativo, que causam angústias, dificuldades e sofreres. Que dia a dia o conduz à ação/reflexão/ação de sua prática pedagógica na busca de soluções para transformar esse cenário frustrante do contexto educacional. Apesar de apontamentos teóricos apresentarem a importância de romper com o ensino conservador e tradicional em sala de aula, há ainda docentes que são fortemente

influenciados por paradigma tradicional, o qual “propõe a fragmentação do todo. Com esse pensamento, a ação docente torna-se isolada em sala de aula, restringindo a prática pedagógica do professor a constante busca pela reprodução do conhecimento. O ensino é mecânico, o aluno precisa ler, decorar e repetir o que lhe é transmitido. É importante observar que esse pensamento fragmentado da ação docente perpassa todos os níveis da educação. Desde a educação básica até o ensino superior, os discentes, neste contexto, são formados para reproduzirem conhecimento. Os educadores devem buscar práticas pedagógicas que oportunizem a construção do conhecimento. Com os avanços científicos da sociedade, uma visão fragmentada não atende as necessidades atuais, pó isso a importância de um novo paradigma (BARROS et al., 2019).

Baseando-se nas afirmações acima, torna-se evidente que a prática pedagógica ocorre através de uma reflexão crítica ao ensino bancário. O que se espera alcançar, enquanto professor: um indivíduo capaz apenas de reproduz o que lhe é ensinado ou um ser crítico, reflexivo e criativo, capaz de transformar a realidade na qual está inserido? A construção do conhecimento deve ocorrer na relação entre professor e aluno. O trabalho docente deve ser mediado por uma prática reflexiva, onde o professor constrói e reconstrói seu fazer em sala de aula (BARROS et al., 2019).

A nova concepção do ensino da língua escrita trouxe contribuições para a prática pedagógica dentro da alfabetização. O foco aqui é o processo pelo qual a criança aprende, não mais o professor como transmissor de conhecimento. Essas contribuições para a educação passaram a exigir dos profissionais de educação uma busca de maiores competências

para ensinar, o que ocasionou numa mudança no pensamento mecanicista. É papel do professor alfabetizar a criança dentro de um contexto, através de práticas de letramento. É durante este processo que o alfabetizador deve despertar no educando o gosto pela leitura (BARROS et al., 2019).

O professor deve ter compreensão do conhecimento em suas múltiplas dimensões, capaz de construir seu pensamento e sua ação voltada as necessidades de seu cotidiano, rompendo com os muros da escola. Compreender dessa forma a ação pedagógica é buscar outras formas de ensinar, que trabalhe com uma visão ampliada. Observa-se que a prática de ensinar se faz presente no papel fundamental do professor que se concretiza na elaboração e execução de conteúdos que proporcionem o desenvolvimento intelectual e cognitivo dos educandos de forma concreta dando abertura para que os mesmos se posicionem frente aos aspectos do fazer pedagógicos do professor, porém isso acontece de forma mecânica restringindo a participação do mesmo nesse processo. Contudo, a interação dos alunos possibilita uma aprendizagem articulada com o ensino, onde os jovens e adultos possuem suas especificidades como ser humano sendo um sujeito capaz de transformar seus próprios conhecimentos, para atuarem com autonomia no campo do trabalho e educação, no entanto, isto só será possível se o professor utilizar uma metodologia adequada com o intuito de aproximar os saberes dos discentes juntamente com o dele (MARCHESONI; SHIMAZAKI, 2021).

Refletindo sobre o pensamento de Libanêo, entende-se que o educador precisa se manter atento as mudanças e buscar caminhos para que seus alunos possam se desenvolver de forma positiva e harmoniosa, rumo ao conhecimento significativo

pensando nas aprendizagens, é necessário que o professor considere, em termos de organização de seu trabalho, a interação entre as crianças, os conhecimentos anteriores, de qualquer natureza, a individualidade, a heterogeneidade, o nível de desafios apresentados pelas atividades e as conquistas possíveis (MARCHESONI; SHIMAZAKI, 2021).

O professor é mediador entre seus alunos e os objetos do conhecimento, que organiza e propicia espaços e situações de aprendizagem, em que são articulados os recursos afetivos, emocionais, sociais e cognitivos de cada criança aos conhecimentos prévios em cada área. É ao professor que cabe a tarefa de singularizar as situações de aprendizagem, considerando todas as suas capacidades e potencialidades e planejar as condições de aprendizagem, com base em necessidades e ritmos individuais e características próprias. Os educadores precisam levar em conta o pensamento e a linguagem de seus alunos, bem como seus conhecimentos prévios e interesse naquele assunto, organizando situações de aprendizagem, nas quais novas experiências possam ser vivenciadas, acomodadas às já existentes. Essas experiências promoverão o crescimento e a equilibração necessários para que aconteça a aprendizagem. Ele deve proporcionar situações de conflito, que causem desequilíbrio nas estruturas cognitivas do aluno que precisa buscar sua reequilibração (MARCHESONI; SHIMAZAKI, 2021).

No processo de construção de conhecimentos, as crianças utilizam-se das mais variadas linguagens, a partir de interações que estabelecem com outras pessoas e com o seu meio. Cada faixa etária permite construções diferentes de aprendizagens significativas com conexões relevantes em

relação aos conteúdos do cotidiano. A atividade de construção do conhecimento é mediada pela cultura, tendo por base os conhecimentos adquiridos pelos alunos anteriormente e os conteúdos escolares organizados e planejados pelo professor, que deve ser estimulador da participação e expressão de todos e motivador de novas aprendizagens. A criança é um ser social, que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas, que interage e que aprende com o meio, ampliando suas relações e formas de comunicação para manifestar-se livremente em suas percepções, trocas e compreensão da realidade. A interação social é uma das estratégias fundamentais dos educadores para a construção da aprendizagem pelas crianças. Uma maneira de conduzir essa interação para os objetivos do professor é a socialização das descobertas e novas aprendizagens. Pode ser destacada, nesse processo, uma gama de experiências e construção de conhecimentos dentro do âmbito social, em que as crianças podem ajudar e serem ajudadas para avançar em termos de aprendizado em que têm mais dificuldades (BIANCHI; MORAIS, 2021).

Um sujeito que aprende é aquele que deseja compreender, interpretar e atuar no mundo, refletindo sobre suas ações e, assim, construir e reconstruir seus conhecimentos em interação com o meio. Também é importante ressaltar a organização de um clima agradável, afetivo, de relacionamentos adequados e a utilização de recursos e ajudas que motivem a construção de estratégias e habilidades para uma aprendizagem autônoma e eficaz. Um ambiente alfabetizador tem como característica um espaço de leituras e escritas, com atividades interessantes e significativas. Exemplos disso são os rótulos,

etiquetas, livros de histórias, revistas, combinados, abecedários, jornais, etc., que devem ser colocados à disposição das crianças com a finalidade de proporcionar o acesso e a compreensão do universo letrado e assim, construir progressivamente sua própria leitura e escrita, bem como o gosto pelo ato de ler (BIANCHI; MORAIS, 2021).

O processo de construção de conhecimentos não é simplesmente transmissão e assimilação de informações e sim de resolução de problemas com a formulação de hipóteses individuais e coletivas. Em um ambiente propício a isso, a criança faz progressos nessa construção, a partir de sistemas de interpretação, em que ela pode pensar, refletir e inventar possibilidades de compreensão da escrita como objeto social. A ação pedagógica precisa reconhecer que cada criança possui processos próprios e respeitá-los, trabalhando as dificuldades para que vençam as etapas em seu desenvolvimento. O professor facilitador ajuda e confronta seus alunos no processo de superação de conflitos (BIANCHI; MORAIS, 2021).

Nesse sentido, deve ter bem claro que, para estruturar sua intervenção, é essencial distinguir o nível de desenvolvimento real em que a criança se encontra para que na ZDP ele possa agir e promover a interação necessária e adequada entre as crianças. A escola exerce papel de grande responsabilidade ao ensinar a língua materna para as crianças, pois são esses saberes que garantem o exercício da cidadania. Responsabilidade que diz respeito ao grau de letramento dos lugares onde vivem seus alunos e a partir deste, participar da ampliação de seu nível de conhecimentos socialmente organizados e historicamente aceitos (CHRAIM; PEDRALLI, 2023).

O professor comprometido com uma alfabetização para a cidadania precisa construir seu planejamento, sua atuação, avaliação e reorganização de seu trabalho, levando sempre em consideração tudo o que seu aluno já sabe ou já conhece, em relação afetiva e de confiança recíproca. O trabalho deve ser continuado e a avaliação participativa, em busca da transformação da escola através da modificação do ato educativo, do processo de reformulação do currículo e a procura da coerência pedagógica sob a visão da escola como espaço de construção de conhecimentos e vivências, aportes de múltiplas teorias (CHRAIM; PEDRALLI, 2023).

A aprendizagem é um processo autônomo, que precisa ser estimulado sob o prisma de projetos referentes à vida das pessoas. Na organização de boas atividades escolares, as crianças transformam-se em leitoras e produtoras de textos, tanto individualmente como coletivamente. A linguagem é uma habilidade muito importante na organização da aprendizagem como aptidão necessária nas relações entre professor e alunos. Também a afetividade é essencial como fator de intervenção e base para as experiências em sala de aula, sendo que, para isso, os professores precisam compreender a criança e seu universo sociocultural, emocional e cognitivo (CHRAIM; PEDRALLI, 2023).

É de fundamental importância que, no processo de aprendizagem, sejam renovadas as metodologias para priorizar a construção de conhecimentos e a descoberta de potencialidades, competências e habilidades, principalmente em trabalho coletivo, estimulando a participação, a autonomia e a segurança em suas capacidades. A relevância do uso da linguagem é determinada historicamente pelas necessidades de

cada momento, dependendo também das exigências e demandas da sociedade contemporânea. Enquanto somente compreendida no aspecto restrito da construção da escrita alfabética, a alfabetização precisa ocorrer dentro de um processo com mais amplitude da aprendizagem da língua nativa. Uma concepção sobre aprendizagem inicial da leitura é a decodificação, isto é, transformar letras e sons e a escola tem se mostrado eficiente em formar leitores com capacidade de decodificação, mas não de interpretação de um escrito. O ato de ler tem cunho social e deve ser considerado como um meio e nunca um fim. A leitura precisa responder a um objetivo e a uma necessidade de cada pessoa (SILVA; SAMBUGARI, 2020).

O termo alfabetização sofreu, ao longo dos anos uma transformação conceitual, passando a ser entendido como o processo em que a criança compreende os mecanismos da leitura e da escrita, desenvolvendo habilidades de uso social. A alfabetização é um processo de construção pessoal, mas socialmente mediatizada. A aprendizagem é um processo social interativo, cujo foco são as experiências diárias e de representação. A alfabetização, na verdade, é um processo que começa antes da escola, por meio das leituras de mundo que a criança vai construindo e que leva para a aula como conhecimentos prévios. A escrita aparece nesse processo de construção como objeto social e, assim, como a leitura se consolida pela necessidade de comunicação e expressão (NOGUEIRA, 2019).

O professor alfabetizador dos anos iniciais do ensino fundamental tem como meta principal alfabetizar os alunos dentro de uma perspectiva do letramento, pois o mundo atual exige de nós um conhecimento mais amplo que para que a

tenha condições de pensar e agir sobre ele. O século XXI, aponta uma visão educacional que apresenta grandes mudanças na educação no mundo globalizado, fornecendo indicadores de que o ofício de professor requer muitos conhecimentos, uma grande quantidade de ideias, de habilidade nos procedimentos, nas estratégias de ensinar, de lidar com os alunos e excelentes atitudes, valores, hábitos e condições pessoais para o ensino. Assim é o conhecimento verdadeiro: saber, fazer, ser. Já sabemos que não tem sentido perguntas tais como: arte ou ofício? vocação ou profissão? teoria ou prática? Teoria, experiência, arte, tecnologia, valores e atitudes, todos são ingredientes necessários que, em cada pessoa, são combinados de diferentes modos (JORGE; CUNHA; RAMOS, 2020).

Uma concepção moderna da tarefa do professor requer não apenas ampliar certas formulas pré-estabelecidas, como também um exercício profissional competente que inclui autonomia, capacidade de decisão e criatividade. Pois, o docente não pode estar de mente “fechada” para o desenvolvimento educacional, principalmente se tratando de alfabetização dos anos iniciais do ensino fundamental (ROCHA; OLIVEIRA, 2020).

Com isso, entende-se que o professor por sua vez deve estar preparado para lidar com alfabetização das crianças, não buscando apenas didática, mas os conhecimentos devidos para que o educando se desenvolva de forma positiva, ou seja, uma aprendizagem com significado pra vida. A atualidade impulsiona para um trabalho mais consistente em relação a alfabetização e letramento da criança, o professor jamais pode vivenciar práticas tradicionais as quais não levam os alunos a

pensar sobre o seu aprendizado, sobre a escrita e a leitura. Recordar-se de uma frase de Paulo Freire (2000) que dizia: “ensinar exige convicção de que a mudança é possível”. Portanto, o docente deve acreditar que o conhecimento provoca mudanças e com certeza, mudanças positivas na vida do aluno. O conteúdo jamais pode ser fragmentado, deve ser inserido na leitura e na escrita do alfabetizando, para que seu aprendizado seja realmente significativo e, com isso, ele saiba se desenvolver em quanto cidadão que pensa e age de forma direta no mundo real. Portanto, sonhar com uma educação que objetive uma transformação social, é romper com o velho e ousar com o novo, na utilização de meios diversificados que conduza o aluno à não somente ler letras, mas, essencialmente atribuir sentido e significado naquilo em que se lê. Compreender que o papel do alfabetizador não é transferir conteúdos, mas sim dividir e construir saberes e oferecer aos alunos conhecimentos contextualizados, os quais irão facilitar o convívio da criança na sociedade em que está inserido (JORGE; CUNHA; RAMOS, 2020).

O papel do alfabetizador é tão importante no desenvolvimento da criança que ele deixa de ser apenas o professor e passa a ser um facilitador da aprendizagem, pois seu papel é essencial na formação e na aprendizagem da criança e no seu desenvolvimento psicológico. Para que o aprendizado seja prazeroso e significativo, o professor mediador deve buscar meios para desenvolver o conhecimento através de atividades lúdicas, as quais fazem parte da infância, ou seja, é nato do ser humano. Pois, é através do brincar que a criança entra no mundo de fantasia e vivencia o mundo real. O papel do professor como mediador e do outro como forma de interação

são considerados primordiais por Vygotsky (SCHNEIDER; GROSCH; DRESCH, 2019).

Que a aprendizagem seja uma descoberta durante as situações de brincar e que aprendam a ler e a escrever da mesma maneira que aprenderam a falar. Principalmente, nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 3º ano), no qual a criança está fazendo parte de um círculo de aprendizagem, ou seja, num processo de alfabetização. Nesta fase, que a criança se encontra e precisa de estímulo e metodologia diferenciada, para que esteja motivado a aprender a aprender e que esse aprender seja de fato real e tenha sentido pra vida dela. No entanto, precisa que o educador entenda que a alfabetização aconteça atrelada ao letramento (LEAL; NASCIMENTO', 2019)

Concorda-se com Paulo Freire (2000) quando diz que: "O mundo não é. O mundo está sendo". Com isso, entende-se que, tudo muda a todo tempo e o docente jamais poderá eternizar sua prática de alfabetizar, pois o conhecimento de mundo deve ser desenvolvido através da prática da alfabetização e do letramento. O olhar do professor para o seu aluno é indispensável para a construção e o sucesso da sua aprendizagem. Isto inclui dar garantia as suas ideias, valorizar sugestões, analisar, acompanhar seu desenvolvimento e demonstrar acessibilidade, disponibilizando diferentes conversas. É preciso ter clareza de que cada aluno é diferente um do outro, com diferentes retornos da aprendizagem.

Cabe aos professores verem como eles se desenvolvem, dentro de seus limites, mas sempre motivando e estimulando-os com mediação e propostas pedagógicas diferenciadas, que despertem a curiosidade e interesse por parte das crianças. É necessário que professor se torne criativo

no momento de elaborar seus planos de aula, sempre procurando inovar e, assim, ministrar uma aula na qual os alunos possam interagir com entusiasmo, facilitando assim seu aprendizado. O papel da professora alfabetizadora, nesse sentido, é a de mediadora desses conhecimentos, tendo em vista a potencialização das funções psicológicas superiores da criança, a fim de que esta possa se desenvolver autonomamente (SCHNEIDER; GROSCH; DRESCH, 2019).

Ressalta-se, nesse aspecto, a importância do conhecimento acerca do funcionamento da escrita e de como a criança aprende, como saberes necessários à professora alfabetizadora, objetivando o desenvolvimento de situações significativas de aprendizagem, possibilitando aos alunos refletir sobre o uso e a função social da escrita no seu cotidiano, como aspectos integrantes da organização do trabalho pedagógico na alfabetização. Alfabetizar letrando é desenvolver ações significativas de aprendizagem sobre a língua, de modo a proporcionar situações onde a criança possa interagir com a escrita a partir de usos reais expressos nas diferentes situações comunicativas (SILVA; BATISTA; PETSCH, 2021).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. C. G.; VIER MUNHOZ, A. O Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa: Reflexões Sobre a Formação Docente. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 21, n. 1, p. 18–27, 2020.

ANDRADE, M. E. B. DE; ESTRELA, S. C. A Concepção de Alfabetização e Letramento na Política Nacional de Alfabetização (PNA): entre tropeços e retrocessos. **Revista Diálogo Educacional**, v. 21, n. 69, p. 846–873, 2021.

ANDRADE, V. D. E. et al. Variação linguística e ensino: conceitos e (im)possibilidades. v. 16, n. 1m, p. 84–99, 2018.

ARRUDA, L.; GROSCH, M. S. Formação Continuada De Professoras Alfabetizadoras: Reflexões Sobre Alfabetização E Letramento. **Linguagens, Educação e Sociedade**, n. 44, p. 07–27, 2020.

ASSIS, Á. L. E. DE; NETO, I. A. M.; MACEDO, R. L. Letramento digital e literatura: saberes literários no mundo digital. **Entretextos**, v. 18, n. 1, p. 137–161, 2018.

ASSUNÇÃO, T. V.; TENÓRIO, A. C. Possíveis aproximações entre o grau de alfabetização científica de alunos do Ensino Médio e a prática pedagógica do professor de Física. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 12, n. 1, p. 1–25, 2021.

BAPTISTA, M. C. As crianças e o processo de apropriação da linguagem escrita: consensos e dissensos nos campos da alfabetização e da educação infantil. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 16, 2022.

BARBOSA, M. E. R. M.; CABRAL, G. R.; GOULART, I. DO C. V. (Des) Continuidades Nos Documentos Federais Norteadores Das Políticas Para a Área Da Alfabetização. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 17, p. 56–70, 2022.

BARROS, M. S. F. et al. Arte e educação: o teatro como recurso metodológico no trabalho pedagógico na alfabetização. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 14, n. 3, p. 1205–1216, 2019.

BERTOLDI, A. “Alfabetizacao Cientifica” Versus “Letramento Cientifico”: A problem of denomination or a conceptual difference? **Revista Brasileira de Educacao**, v. 25, p. 1–17, 2020.

BESSA, S.; ALVES, G. R.; ANDRADE, H. S. Um olhar sobre a alfabetização em tempos de pandemia: concepções e prática pedagógica. **Revelli**, v. 14, p. 1–22, 2022.

BIANCHI, M. H. DA C.; MORAIS, M. L. DE O. Ensinamentos freireanos como orientadores da prática pedagógica na alfabetização e letramento. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, v. 2, n. 5, p. 1–15, 2021.

CHRAIM, A. M.; PEDRALLI, R. Artigos A oralidade no processo de alfabetização: o debate (sempre e de novo) sobre como fazer convergir prática pedagógica e projeto formativo humanizador. **DELTA**, v. 39, n. 2, p. 1–25, 2023.

COLINS, F.; MORAES, P. P.; MACHADO JÚNIOR, A. G. Prática pedagógica integrada de alfabetização matemática e literatura infantil. **Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 2, n. 1, p. 84–98, 2019.

CONFERÊNCIA MUNDIAL DA EDUCAÇÃO PARA TODOS. **Declaração mundial sobre educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien, Tailândia, mar/1990.

CORDEIRO, R. V.; SGARBI, A. D. História e Filosofia das Ciências no contexto da alfabetização científica e linguística: construindo práticas pedagógicas nos anos iniciais do ensino fundamental. **História da Ciência e Ensino: construindo interfaces**, v. 25, p. 338–357, 2022.

CORDENONZI, W. H. et al. Literacy – An evolution of the concept: Literacy and code literacy. **Texto Livre**, v. 13, n. 1, p. 137–155, 2020.

FERREIRA, E. D. S.; PESSOA, A. C. R. G. Acompanhamento pedagógico hospitalar a crianças com câncer em processo de alfabetização. **Educação em Revista**, v. 39, n. e37031, p. 1–12, 2023.

FRAMBACH, F. DE A. Perguntas de discentes e docentes como disparadoras de/para experiências estéticas no processo de alfabetização. **Zero-a-Seis**, v. 24, n. 46, p. 1008–1030, 2022.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez 1991.

FREITAS, G. Monitoria no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 9, n. número especial, p. 1–16, 2022.

FREITAS, T. M. DE; RAMOS, J. F. P. Crianças aptas a serem alfabetizadas? Contribuições da educação dos sentidos para o desenvolvimento integral. **Revista Devir Educação**, v. 6, n. 1, p. 1–20, 2022.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NOGUEIRA, G. M. Impactos da Política Nacional da Alfabetização para Educação Infantil: um retrocesso Gabriela. **Journal of Chemical Information and Modeling**, v. 53, n. 9, p. 1689–1699, 2019.

JORGE, P. G.; CUNHA, K. Z. DA; RAMOS, S. Círculos de leitura e letramento literário em espaços de privação de liberdade. **Revista de Educação Popular**, v. 18, n. 3, p. 20–37, 2020.

PERSICHETO, A. J. O.; ARGENTI, M. C. Diálogos sobre alfabetização e letramento no universo da Educação Infantil. **Dialogia**, n. 43, p. 1–17, 2023.

LEAL, S. DO R. F.; NASCIMENTO', M. I. M. A importância do ato de ler: aproximações e distanciamentos teórico-metodológicos em Paulo Freire. **Pro-Posições**, v. 30, p. 1–23, 2019.

LEAL, T. F. Concepção de alfabetização em documentos curriculares: comparação Brasil Argentina. **Revista Linhas**, v. 23, n. 51, p. 160–189, 2022.

MACEDO, M. DO S. A. N. Contribuições Teórico-Metodológicas para a Pesquisa sobre Letramento na Escola. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 2, p. 1–17, 2020.

MARCHESONI, L. B.; SHIMAZAKI, E. M. Letramento e alfabetização de jovens e adultos: um trabalho com gêneros textuais do cotidiano. **Dialogia**, n. 37, p. e18218, 2021.

MALICK, C. M.; NERY, A. S. D.; VERMELHO, S. C. S. D. Reflexões Sobre a Prática Pedagógica Em Uma Escola Municipal No Rio De Janeiro. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 2, n. 19, p. e11258, 2020.

MENARBINI, A.; GOMES, M. T. A alfabetização, o letramento e a docência: reflexões necessárias. **Cadernos de Pós-graduação**, v. 19, n. 2, p. 194–206, 2020.

MONTEIRO, S. M.; MORAIS, A. G. DE; MONTUANI, D. F. B. Apresentação - Alfabetização E Letramento - Perspectivas E Análises Do Campo Educacional. **Educação em Revista**, v. 36, 2020.

MOREIRA, P.; MAINARDES, J. Resenha MAINARDES, Jefferson. Alfabetização & prática pedagógica: trajetórias e. p. 1–5, 2022.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAIVA, F. C. G. DE. Anne-Marie Chartier, grande auteure et chercheuse française, de renommee internationale, parle de l'alphabetisation et de l'appropriation de l'ecriture en France et au Bresil. **Travessias Interativas**, v. 12, n. 25, p. 1–23, 2016.

PAIVA, T. DE C. L. O papel da biblioteca escolar na alfabetização e no letramento infantil. **R. Bibliomar**, v. 19, n. 1, p. 27–37, 2020.

PEREIRA, I. D. M. Ensino de ciências na perspectiva da alfabetização científica e a prática pedagógica num terceiro ano do ciclo de alfabetização. **ACTIO: Docência em Ciências**, v. 6, n. 3, p. 1, 2021.

PERFEITO, M. V. S.; OLIVEIRA-MENDES, S. A. DE; PERFEITO, V. M. S. Artur Gomes de Moraes, grande pesquisador brasileiro, fala sobre os processos de alfabetização

e letramento no Brasil. **Travessias Interativas**, v. 12, n. 25, p. 426–433, 2022.

PERTUZATTI, I.; DICKMANN, I. Literacy in public policies: Convergences and divergences with the common national base curriculum (BNCC). **Ensaio**, v. 27, n. 105, p. 777–795, 2019.

ROCHA, R. M.; AZEVEDO, P. B. DE. Reflexões sobre práticas discursivas de letramento: o lugar da escrita autoral nas classes de alfabetização. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 14, p. 245–257, 2021.

ROCHA, S. R. DA M.; OLIVEIRA, C. M. DE L. A contribuição da alfabetização/letramento nas subjetividades de sujeitos com deficiência intelectual. **Debates em Educação**, v. 12, n. Esp, p. 57, 2020.

ROSA, E. N. DA. Por Uma Alfabetização Fonológica Em L1: a Formação Docente. **Verbum**, v. 8, n. 2, p. 236–254, 2019.

SCHNEIDER, N. M. A. W. A.; GROSCH, M. S.; DRESCH, J. F. Reflections about the impact of public policy of Pnaic on continued qualification of initial reading teachers from Lages-SC | Reflexões sobre o impacto da política pública do Pnaic na formação continuada das professoras alfabetizadoras de Lages-SC. **Ensaio**, v. 28, n. 107, p. 435–456, 2019.

SILVA, G. M. DA; BATISTA, N. L.; PETSCH, C. Cartografia Escolar: oficinas didáticas sobre alfabetização e letramento

cartográfico para a formação inicial de professores de Geografia. **Caderno de Geografia**, v. 31, n. 67, p. 1026, 2021.

SILVA, L. C. N.; SAMBUGARI, M. R. DO N. Formação e prática do professor para o uso das mídias e tecnologias na alfabetização. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC)**, v. 6, p. e148120, 2020.

SILVA, M.; GUEDES-PINTO, A. L. Práticas De Letramento Com Crianças Pequenas. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 17, p. 15–26, 2022.

SILVA, W. R. Polêmica Da Alfabetização No Brasil De Paulo Freire. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 1, p. 219–240, 2019.

SINIEGHI, A. L. M. L.; BARRETO, M. A. M. Alfabetização científica para crianças da educação infantil: reflexões sobre uma prática pedagógica. **ACTIO: Docência em Ciências**, v. 6, n. 2, p. 1–20, 2021.

SOUSA FILHO, S. M. DE; SILVA, P. H. DA. Novos Modos De Escrita: Alfabetização Sem Escrita Cursiva. **Revista Leia Escola**, v. 20, n. 2, p. 370, 2020.

SOUZA, L. K. P. S. DE; CARTAXO, S. R. M.; BACH, D. Práticas alfabetizadoras: quais as permanências e os avanços? **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 15, 2021.

TAMANINI, P. A.; SILVA, E. D. R. DA. Narrativas de si, histórias de vida e memórias no processo de alfabetizar-se: relatos da experiência com jovens e adultos no município de Icapuí-Ce. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 7, n. 20, p. 222–235, 2022.

VYGOTSKY, L. S. **Estudos sobre a História do Comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**. Porto Alegre :Artes médica1996.

VYGOTSKY, I. S.; LURIA, A. R. **Estudo sobre a história do comportamento:sirmos**, homem primitivo e criança, Tradução: Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

ZOTTI, S. A.; SCHWINGEL, F. C. S. Artigo Trajetória de professores das escolas multisseriadas do Município de Concórdia/SC e suas práticas educativas (1950-1970). **Quaestio**, v. 22, n. 3, p. 795–822, 2020.

